

MÚSICA CRIADA POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL É ARTE?

Isadora Beatriz Silva Rocha¹, Henrique Brum Moreira e Silva²

¹Estudante do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: isadora.rocha@estudante.ifto.edu.br

²Docente do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: henrique.silva@ifto.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O surgimento e a popularização da Inteligência Artificial têm transformado várias áreas do nosso mundo. Mais especificamente na área da criação artística, e restringindo ainda mais o foco para a música, programas como Boomy, Soundraw e Suno são capazes de criar composições inteiras, em variados estilos, a partir de comandos simples (*prompts*) do usuário, com muitos recursos gratuitos. É possível, por exemplo, solicitar a criação de uma obra inédita no estilo de determinado artista, e alguns programas permitem inclusive a criação de “novas composições” de cantores e músicos já falecidos.

Diante deste quadro, surgem várias questões, para diferentes áreas. Do ponto de vista filosófico, as indagações são profundas: qual o valor estético de obras musicais produzidas com IA (Astobiza, 2022)? Até que ponto podemos afirmar que tais programas são capazes de imaginação e criatividade (Venancio Júnior, 2019)? Qual o impacto dessas mudanças para a ideia de gênio artístico, conceito tão caro a filósofos como Kant (2008)? E, indo na raiz do problema: a música criada por Inteligências Artificiais é arte?

Tais questionamentos filosóficos motivaram a criação de um projeto de pesquisa vinculado à Sala de Música do IFTO *campus* Colinas do Tocantins, que contou com um professor e duas estudantes voluntárias do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, e que trabalha de maneira interdisciplinar as áreas da filosofia, da música e da informática, projeto este que se justifica diante das profundas mudanças que a utilização da Inteligência Artificial na área da música já têm trazido e ainda trarão nos próximos anos para a maneira como ouvimos, criamos, apreciamos e nos relacionamos com a arte dos sons. Mais especificamente, as investigações e reflexões foram guiadas pelo seguinte problema de pesquisa: se consideramos que a Inteligência Artificial não é capaz de exibir criatividade e imaginação genuínas, sendo portanto a criação artística inevitavelmente fruto da sensibilidade e da genialidade humanas, música produzida por IA é arte?

2 OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados parciais do projeto de pesquisa vinculado à Sala de Música do IFTO *campus* Colinas do Tocantins envolvendo um professor e duas

estudantes do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio. Deve-se ter em mente que, sendo o tema ainda muito novo, a pesquisa se encontra em estágio inicial e está em andamento.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa em questão tem caráter bibliográfico e exploratório, baseando-se na leitura de textos, em especial artigos científicos, pelo professor orientador e pelas estudantes voluntárias do projeto, seguida de sua posterior discussão. Para um melhor andamento dos trabalhos, optou-se por dividir a pesquisa em três etapas. Na primeira, foram estudadas teorias estéticas do período do Idealismo Alemão, notadamente de Kant, que enfatizam a preponderância da sensibilidade humana e do gênio para a criação artística. Já na segunda etapa, foram lidos artigos científicos de diferentes áreas do conhecimento que abordaram a problemática do uso da Inteligência Artificial na arte e, mais especificamente, na música. A pesquisa, porém, teve de contornar uma limitação metodológica nesta etapa, pois o tema é tão atual (os primeiros *softwares* utilizáveis abertos ao público datam do final de 2022) que foi extremamente difícil encontrar bons artigos, em periódicos revisados por pares, que tratassem do tema. Optou-se por utilizar os textos mais atuais, ainda que em alguns já se percebesse certa defasagem. Por fim, na terceira etapa, os pesquisadores dedicaram alguns encontros para criar músicas com programas de I.A., de modo a ter um conhecimento mais aprofundado da maneira como eles funcionam. Para tanto, foi escolhido o *software* Suno, por ser atualmente o mais popular para a criação de obras musicais por Inteligência Artificial.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição dos resultados da pesquisa acompanha as etapas de sua metodologia de execução. Primeiramente, é preciso ter em mente o conceito de Gênio para Kant. Para o filósofo prussiano, o juízo acerca da beleza é resultado do prazer desinteressado oriundo da apreciação de uma obra, apreciação esta entendida como um livre jogo das faculdades da imaginação e do entendimento do sujeito. Como, porém, todos temos essas faculdades, o belo, diferentemente do *agradável*, será produzido em todos os que o apreciem, não como fruto de uma ideia de razão cognitivamente comunicável, mas como resultado do livre jogo acima descrito. Daí a famosa afirmação de Kant: “O belo é o que agrada universalmente sem conceito” (Bayer, 1995, p.203).

Para tanto, porém, a obra precisa ter uma *forma* que seja capaz de despertar o prazer desinteressado oriundo do livre jogo das faculdades. E o artista só é capaz de criá-la porque não é um ser humano comum, mas um Gênio, ou seja, uma pessoa dotada de extraordinária imaginação, capaz de dar regra à obra. Não, porém, uma regra oriunda de um sistema racional coerente, mas

uma advinda diretamente de sua subjetividade (SANSEVERO, 2012; CITRO, 2017). A arte, ou ao menos a *bela arte*, neste sentido, desponta como sendo uma atividade genial e, portanto, humana.

Passando para a segunda etapa da pesquisa, é possível perceber que a concepção kantiana é influente até hoje, especialmente porque serviu de base para a concepção romântica de arte e de artista, aquela que se encontra mais arraigada no senso comum. De fato, analisando a questão da possibilidade de criação de arte genuína por inteligências artificiais, Willemart (2020) alega que:

Ainda que o robô do Google possa deduzir aspirações e desejos de quem escreve mensagens, lê blogs e compra produtos por internet, mesmo que consiga reunir informações das demandas de vários internautas, nunca saberá captar a dimensão inconsciente ou não dita dos desejos de uma comunidade. O toque genial do artista, pelo contrário, que se deixa mover pela pulsão invocante, com sensibilidade sutil, irá escutar ou captar de algum modo os chamados da comunidade e poderá responder, mesmo sem reconhecer explicitamente a dimensão inconsciente (Willemart, 2020, p. 12-13).

Percebemos, portanto, o quanto a ideia de que o artista é um gênio dotado de notável criatividade ainda é forte entre nós. Não à toa, no mesmo artigo, Willemart conclui que “até o momento, nenhum robô consegue criar obras musicais ou literárias na dimensão humana”. Isso é corroborado pelas conclusões de Venancio Junior (2019) e Astobiza (2022), que analisam a questão pelo ponto de vista de uma das características mais tradicionalmente atribuídas ao Gênio: a criatividade. Partindo de referenciais teóricos distintos, ambos alegam que os atuais modelos não conseguem (ainda?) passar do que poderiam ser descritos como níveis mais básicos de criatividade, já que trabalham apenas por recombinação probabilisticamente orientada de características de obras já existentes. A terceira etapa da pesquisa deu aos seus membros uma noção mais aprofundada desta limitação, pois as músicas geradas pelo programa Suno, ainda que indistinguíveis de obras compostas e gravadas por seres humanos, (ainda?) tendem a soar medíocres, enfadonhas e repetitivas, especialmente para ouvintes com maior vivência musical.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados parciais da pesquisa convergem para uma inevitável conclusão: se nos atemos à concepção romântica da arte e do artista, derivada da teoria estética kantiana, que entende a arte como uma manifestação de uma subjetividade humana genial, marcada por uma imaginação e uma criatividade privilegiadas, então, a música feita por inteligência artificial não pode ser chamada de arte, ainda que o avanço de tais programas possa aperfeiçoar as obras por eles criadas.

Todavia, esta conclusão enfrenta três sérias objeções. A primeira deriva da limitação metodológica apontada na seção 3. Novos artigos, baseados em modelos de I.A. mais recentes e

avançados, podem desafiá-la. Se em alguns anos tais *softwares* forem capazes de genuinamente emocionar até mesmo ouvintes experientes, ainda estaríamos dispostos a sustentar tal conclusão? Já a segunda objeção questiona: não seria arrogante e pedante negar o status de arte a obras que para quase todo o público ouvinte são indistinguíveis de músicas compostas e gravadas por seres humanos? E, por fim, ao fazer isso, não estaríamos repetindo o mesmo erro de elites intelectuais do passado, que desqualificaram manifestações musicais de grupos marginalizados negando-as o status de arte? Como se pode perceber, a atualidade da pesquisa traz questões instigantes, e sua continuidade pode trazer novas perguntas e respostas para esta fascinante área de estudos.

6 AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao IFTO *campus* Colinas do Tocantins pelo apoio na execução do projeto, que viabilizou a realização desta pesquisa, ao professor orientador, aos familiares e colegas que incentivaram e, por fim, a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ASTOBIZA, Aníbal M.. Arte y algoritmos. *Aisthesis*, Santiago , n. 72, p. 282-297, dic. 2022 . Disponível em:
<http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-71812022000200282&lng=es&nr_m=iso> Acesso em: 06 ago 2025.

BAYER, Raymond. **História Da Estética**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

CITRO, Danilo.; SILVA, Hélio Lopes da. Gênio e Natureza na Crítica do Juízo. **Revista Estudos Filosóficos - UFSJ**, [S. l.], n. 5, 2017. Disponível em:
<<https://seer.ufsj.edu.br/estudosfilosoficos/article/view/2304>> Acesso em: 06 ago. 2025.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do Juízo**. trad. Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

SANSEVERO, Bernardo. Kant e a figura do gênio: arte e natureza. **Kínesis - Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, Marília, Vol. IV, nº 07, Julho 2012, p. 273-285. Disponível em:
<<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4470>> Acesso em: 06 ago. 2025

VENANCIO JÚNIOR, Sergio José. Arte e inteligências artificiais: implicações para a criatividade. **ARS** (São Paulo), [S. l.], v. 17, n. 35, p. 183–201, 2019. Disponível em:
<<https://revistas.usp.br/ars/article/view/152262>>Acesso em: 6 ago. 2025.

WILLEMART, Philippe. Inteligência Artificial (IA) e Arte. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 10-22, ago. 2020. Disponível em:
<<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/41490>> Acesso em: 06 ago. 2025.